

Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação

Raquel de Maria Queiroz BARROS (UFC)
raqueldemaria@gmail.com

BARROS, Raquel de Maria Queiroz. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 391-395, jul./dez. 2016.

Resenha

STREET, B. V. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 240p.

Palavras-chave: Letramentos. Grande divisão. Modelo ideológico.

De autoria do professor emérito da King's College London, Brian Vincent Street, o qual se destaca por inúmeras reflexões acerca do fenômeno do letramento, sua primeira obra publicada no Brasil, com tradução do linguista brasileiro Marcos Bagno, insere-se no âmbito das abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação na perspectiva de letramento, a partir de uma abordagem de cunho internacional, a fim de observar o que as pessoas fazem com seus conhecimentos de leitura e escrita e quais textos têm relação com suas vidas.

O autor apresenta reflexões acerca de suas pesquisas nas décadas de 70 e 80, dispostas em cinco seções (Letramento, política e mudança social; A etnografia do letramento; O letramento na educação; Para um quadro teórico crítico; e Relações entre políticas, teoria e pesquisa no campo do letramento), cujos capítulos relacionam diferentes aspectos de estudos do letramento como práticas ideológicas implicadas em relações de poder e embasadas em significados e práticas culturais específicas.

A organização didática do título favorece ao leitor a visualização da progressão da temática “letramentos sociais” ao longo do texto, no que se refere às suas contribuições, já que a introdução de cada seção articula o segmento ao tema geral e, principalmente, aos principais conceitos abordados no livro. Ressalte-se também uma síntese de cada capítulo, a qual auxilia o leitor a relacionar a concepção de letramentos ao contexto político e educacional brasileiro, como também ao impacto das políticas nacionais e internacionais referentes, em especial, à compreensão leitora e ao investimento público na formação de professores.

Dentre as diversas abordagens apontadas pela obra, destacam-se os novos estudos dos letramentos e suas implicações à Pedagogia, como, por exemplo, a necessidade de se ensinar às crianças não somente os aspectos técnicos das funções da linguagem, mas, fundamentalmente, ajudá-las a perceber a natureza social e ideológica das formas de uso dessa linguagem.

Inicialmente, para Street, é necessário rejeitar a teoria da “grande divisão”, ou seja, deve-se romper com o paradigma de que iletrados são diferentes dos letrados. A concepção dessa partição envereda a favor das qualidades inerentes à escrita, enquanto encolhe as que se referem à comunicação oral, atribuindo, assim, uma superioridade da escrita em relação à fala.

Note-se que as diferenças entre habilidades cognitivas individuais decorrem das diferenças na experiência social e cultural, muito mais do que da presença ou da ausência do letramento. A escola, enquanto instituição social, por exemplo, insere separadamente o domínio de práticas e eventos de oralidade dos domínios de leitura e escrita. Deve-se enfatizar a imbricada interação entre as formas orais e letradas, indo de encontro à grande divisão entre tais domínios e focalizando as práticas sociais específicas de oralidade, já que tal concepção tem causado o estigma da associação equivocada entre dificuldades de leitura e de escrita e a ignorância, a incapacidade social e o atraso mental.

Para questionar a “grande divisão” baseada em precipitadas generalizações, Street defende estudos de abordagem etnográfica, vez que somente com relatos minuciosamente detalhados do contexto em que as diferentes práticas culturais discursivas estão incrustadas é que se poderão conhecer melhor os impactos das práticas de letramento em suas dimensões individuais e sociais.

No intuito de expor e defender a natureza ideológica dos usos da fala e da escrita nos mais diversos contextos culturais de comunidades humanas, Street contrapõe os modelos de letramento autônomo e ideológico, defendendo, pois, este último. No modelo autônomo, incluem-se atividades de ensino no sentido da funcionalidade, vez que as aprendizagens de leitura e escrita têm fim em si mesmas, assim como apresentam efeitos sobre outras práticas sociais e cognitivas.

Já o termo ‘ideológico’ é empregado por Street na perspectiva de fomentar uma reação aos estudos da fala e da escrita dentro do paradigma para além da funcionalidade, pois se considera o letramento como social e determinado culturalmente, angariando diversos significados para cada grupo. Logo, por referir-se a diversas práticas e eventos sociais situados em contextos históricos específicos, emprega-se o termo ‘letramentos’, no plural. O modelo ideológico relaciona-se às experiências de vida, de leitura e escrita de cada pessoa, pois é concebido no âmbito de acontecimentos históricos e aspectos transculturais.

Em suma, Street enfatiza a natureza social do letramento defendendo “um modelo ideológico de letramento no qual as práticas letradas são produtos da cultura, da história e dos discursos e nas relações de poder a ele associadas” em oposição ao que denomina perspectiva “autônoma” do letramento, centrada no sujeito e nas capacidades de usar apenas o texto escrito.

No sistema educacional brasileiro, vislumbra-se o modelo

de letramento autônomo como se a escrita e a leitura não fossem ideologicamente situadas, supervalorizando-se o letramento escolarizado em detrimento à linguagem oral ou a outras formas de sua aquisição que não seja com a pedagogia.

Nessa perspectiva, Street analisa as práticas de letramento não apenas como uma simples tarefa de aprender as habilidades de leitura e escrita, como alguns autores sugerem, mas, precipuamente, práticas de letramentos imbuídas de ideologias, em que são confirmadas relações de hierarquia, de autoridade, de poder e de controle.

Nota-se que Street propõe uma abordagem de letramento que relaciona política, teoria e pesquisa. Há indícios de uma “governança global” que eclode a partir das chamadas agências internacionais de cooperação, as quais são responsáveis pela produção de relatórios e estudos acerca de letramentos e pela legitimação de políticas educacionais. Do ponto de vista etnográfico, essas políticas ignoram, demasiadamente, abordagens qualitativas de práticas sociais, principalmente as difundidas em centros acadêmicos, pois não privilegiam estudo dos modos por meio dos quais comunidades se apropriam de letramentos como práticas plurais, localmente situadas.

A partir dessa obra, reitera-se a intenção de se formular, no contexto educacional brasileiro, práticas coerentes que se enquadrem em um modelo ideológico de letramento, ou seja, que permitam que as mediações sejam engajadas em um modelo crítico de letramento que fomentem nos educandos a capacidade de assumirem seu papel de cidadão na sociedade estratificada, levando-os a fazer uma leitura real de sua condição de agente transformador de sua realidade.

O que se verifica hodiernamente, principalmente no que tange à formação de professores de Língua Portuguesa, é a ratificação da abordagem autônoma, a imposição de concepções ocidentais de letramento para outras culturas ou, dentro do Brasil, para aqueles de outra classe ou grupo cultural. É preciso, então, sustar o modelo de letramento autônomo presente nos bancos escolares, o qual possui um efeito (falso) de melhorar as habilidades cognitivas e acentuar as perspectivas econômicas, tornando as pessoas “iletradas” melhores cidadãos, independentemente de condições sociais e econômicas que contribuíram para o seu “não letramento” em primeiro lugar.

De igual natureza, necessita-se de alternativas para se repensar as práticas de letramento no contexto escolar, trazendo para o ensino propostas que desenvolvam competências e habilidades dos alunos

(sujeitos), as quais possibilitem que os mesmos usem a leitura e a escrita em práticas sociais com autonomia e criticidade, que lhes permitam acompanhar as mudanças e transformações pelas quais passa sua sociedade, agindo de forma participativa no contexto social em que se inserem.

Quando as práticas de letramento estão vinculadas à realidade social, e para a transformação social, abre-se espaço para a construção de novas identidades, de seres críticos. Dessa forma, percebe-se, através da leitura de Street, que projetos de letramento na perspectiva da prática social podem desenvolver nos educandos a competência de olhar criticamente para as estruturas de poder.

Recebido em: 29 de ago. de 2016.

Aceito em: 26 de dez. de 2016.